



RESEÑAS

Iberian Journal of the **History of Economic Thought**

ISSN-e 2386-5768

<http://dx.doi.org/10.5209/IJHE.56521>EDICIONES
COMPLUTENSE

Como os países ricos ficaram ricos

Daniel Do Val Cosentino¹

EIRK S. REINERT. *Como os países ricos ficaram ricos[...] e por que os países pobres continuam pobres*. 1. ed. Tradução Caetano Penna. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016. 435p. ISBN 978-85-7866-122-9

A tradução do livro de Erik Reinert, *Como os países ricos ficaram ricos[...] e por que os países pobres continuam pobres*, para o português e sua publicação no Brasil pela editora Contraponto com auxílio do Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento em 2016 não poderia vir em momento mais oportuno. A recente tentativa de aprovação no Brasil de reformas econômicas que retomam uma agenda liberal do final do século XX recolocam a urgência de se pensar a respeito do desenvolvimento nacional.

No posfácio a edição brasileira o autor propõe uma reflexão contemporânea à luz da crise financeira de 2008, da reinvenção do keynesianismo em um contexto global e da necessidade de rever o livre-comércio como eixo da ordem econômica mundial. Para Reinert é preciso recuperar um pensamento econômico que nega os princípios do livre comércio e que tem na emulação dos países ricos o eixo central para o desenvolvimento econômico. Esta nos parece a questão central do livro.

Publicado originalmente em inglês com o título *How Rich Countries Got Rich[...] and Why Poor Countries Stay Poor* em 2008, a obra vai à contramão do que ele chama de teoria do “manual-padrão” em Economia, que embasa as medidas propagadas pelo Consenso de Washington e pelos defensores da Globalização nos anos de 1990.

O livro está dividido em oito capítulos e um apêndice, além de um prefácio e um posfácio à edição brasileira. Nos dois primeiros capítulos o autor expõe os dois tipos de teoria econômica e as duas abordagens diferentes para se entender a História do Pensamento Econômico. Uma delas está ancorada na “teoria do manual padrão”, cuja estrutura se baseia na metáfora do equilíbrio e tem origem na defesa do livre comércio e na teoria das vantagens comparativas formuladas por Smith e Ricardo. Já a outra abordagem, o “outro cânone”, alternativa, esta baseada na experiência adquirida, no conhecimento e na produção, muitas vezes se apresentando mais como política prática do que como teoria. A partir destas duas perspectivas teríamos também duas formas de encarar a História do Pensamento Econômico, a primeira excludente e linear e a segunda abrangente e capaz de captar experiências e vicissitudes históricas específicas de determinado tempo e lugar. No terceiro capítulo Reinert discute o conceito central de emulação e seus exemplos na história a partir de uma perspectiva orientada pela História do Pensamento Econômico. No quarto e quinto capítulo procura compreender o fenômeno da Globalização e como o mesmo pode tornar países pobres ainda mais pobres. Já nos três últimos capítulos apresenta uma concepção crítica a cerca do mito a respeito das opções de política econômica e da própria ciência econômica como o fim da história, bem como às concepções paliativas de desenvolvimento e à defesa do desenvolvimento a partir da criação de países de renda média. Já no Apêndice desenvolve um pouco mais suas críticas ao modelo de vantagens comparativas ricardiano, bem as ideias que compõem o “outro cânone” do pensamento econômico e que envolvem a noção de desenvolvimento desigual, protecionismo e emulação.

A defesa de políticas sustentadas no livre comércio tende a beneficiar apenas os países ricos. Algo como se tais nações falassem aos países pobres: “façam o que eu digo, mas não façam o que eu fiz”. Tal ideia nos remete ao interessante livro de Ha-Joon Chang, *Kicking away the ladder*:

¹ Universidade Federal de Ouro Preto

development strategy in historical perspective, publicado em 2003 (a tradução brasileira foi publicada em 2004), cuja questão principal está no fato de que as nações desenvolvidas ao prescreverem políticas baseadas na crítica ao protecionismo e na liberdade comercial afastam as nações subdesenvolvidas do progresso e do avanço como se deliberadamente “chutassem a escada” do desenvolvimento. A diferença central da obra de Reinert é que ele fundamenta sua análise a partir da História do Pensamento Econômico, recuperando filósofos e pensadores que contribuíram de forma decisiva com suas ideias para o desenvolvimento econômico em diversas nações e contextos específicos.

Para Reinert, a harmonia econômica, o crescimento e o bem estar seriam resultado de um “longo processo de construção de uma forma específica de estrutura econômica”. Sendo resultado de políticas conscientes e não “um resultado matemático automático”. Assim, o desenvolvimento econômico e o bem comum seriam resultado de uma política econômica deliberada e que, na visão do autor, estaria diretamente ligada a industrialização, a criatividade e a inovação. Os países ricos são aqueles capazes de se beneficiar de retornos crescentes de escala, sendo que “no cerne do processo de avanço econômico está a combinação dinâmica de sinergias e inovações em substanciais condições de especialização e divisão do trabalho”. (p.124)

Ou seja, o processo em que um país supera a pobreza e se torna rico está diretamente relacionado a sua capacidade de induzir elementos criativos e de inovação que em sinergia tenham efeito imediato sobre a indústria gerando retornos crescentes de escala, redução de custos e aumento dos salários. Isso só é possível com a combinação de políticas que favoreçam a criatividade e a inovação bem como garantam às indústrias proteção para crescerem e se tornarem competitivas.

Por isso Reinert critica firmemente a defesa do livre comércio baseada nos modelos econômicos tradicionais. Para ele a ideia de que a liberdade comercial irá proporcionar ganhos simultâneos e homogeneização entre todas as nações não se efetiva na prática. A especialização produtiva propagada por tal teoria significa para as nações pobres e especializadas na produção agrícola o caminho para continuarem pobres. Isto porque a produção agrícola é incapaz de gerar retornos crescentes de escala e, portanto, o efeito do livre comércio sobre elas contribui para a sua desindustrialização e, ao contrário do que se defende, para redução de salários e ampliação das diferenças de renda que os separa dos países ricos.

Logo a teoria econômica do “manual padrão” não tem validade para o mundo dominado por nações em diferentes estágios de desenvolvimento. O livre comércio só é uma boa alternativa se praticado entre nações ricas e com indústrias competitivas. A ausência de mecanismos protecionistas tende a esmagar os países pobres, destruir suas indústrias, bem como direcioná-los somente à produção agrícola, espaço para retornos decrescentes de escala e ampliação da pobreza.

Assim Reinert constrói o seu argumento a partir de uma História do Pensamento Econômico baseada no “outro cânone”, e demonstra através de exemplos históricos como as nações enriqueceram se valendo deste pensamento. Para isso apresenta uma série de autores que expõem ideias de como as nações devem construir políticas que favoreçam a indústria através de protecionismo, bem como do incentivo às atividades criativas e a inovação na sociedade.

Para tanto as estratégias de desenvolvimento apresentadas no livro tem no conceito de emulação um elemento central e que consistiria em imitar as estratégias de desenvolvimento bem sucedidas de outras nações. Este conceito embasou as ideias de políticos, economistas e filósofos no período em que as economias nacionais se constituíram na Europa. Para Reinert “a estratégia fundamental que tornou a Europa tão uniformemente rica foi o que a economia do Iluminismo chamou de ‘emulação’, bem como a vasta caixa de ferramentas que foi desenvolvida com a finalidade de sustentar essa emulação”. (p. 56-57) A emulação seria o esforço positivo para se igualar ou superar os outros em qualquer tipo de feito ou realização, um esforço que se contrastaria ao sentimento de inveja ou ciúme também muito presente à época das intensas disputas comerciais das nações. Tais questões também nos remetem igualmente aos trabalhos de Istvan Hont, *Jealousy of Trade: international competition and the nation-state in historical perspective*, de 2005, e Sophus Reinert, *Translating Empire: Emulation and the Origins of Political Economy* de 2010.

O livro de Erik Reinert consiste em uma crítica bem fundamentada aos princípios que baseiam a defesa do livre comércio e da globalização produtiva ao apontar que tais estratégias não foram as utilizadas pelos países ricos para enriquecer. Assim, defende a ideia de que é possível e necessário considerar a História do Pensamento Econômico fora da matriz tradicional dos livro-

-texto padrão, a partir do que ele denomina “outro cânone”. Esta outra perspectiva abre espaço para uma concepção de superação da pobreza a partir de políticas econômicas intencionais que incentivem e protejam a indústria e as atividades de inovação e criatividade. Somente a partir desta perspectiva é possível emular as experiências desenvolvidas nas nações ricas e superar o subdesenvolvimento.

Trata-se sem dúvida de leitura importante e fundamental tanto no campo do desenvolvimento econômico quanto na História do Pensamento Econômico.